

RELATOS DE UMA PESQUISA RECENTE: OCUPAÇÕES ARTÍSTICAS DA CIDADE E O TEATRO DE INVASÃO EM EXERCÍCIO

SILVA, Paulo Andrezio Sousa e. Crato: Universidade Regional do Cariri. Curso de Licenciatura em Teatro; Bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ; Orientação: Prof.^a Dr.^a Cecília Lauritzen Jácome Campos.

Palavras-chave: Relatos; Teatro de invasão; Dramaturgia.

Diante de determinadas mudanças estruturais sofridas pelo Centro de Artes da URCA, o projeto Ocupações artísticas da cidade, no ano de 2018, passou a ocupar a Praça Alexandre Arraes¹ e entornos, situada na cidade do Crato, Ceará, reconfigurando a pesquisa. O trabalho atualmente em processo parte de três linhas²: a investigação das possibilidades da recepção teatral do público exógeno, ou seja, de uma recepção que se dá via acidente³ porque o público transeunte da rua é pego de surpresa por manifestações artísticas de cunho teatral-performativo; a experimentação de possibilidades criativas cênicas colocando em relação o teatro de rua e o teatro dos sentidos⁴; o exercício de compreensão do Teatro de Invasão por meio de uma montagem que tome como base o trabalho no e com o espaço urbano.

O projeto “Ocupações artísticas da cidade: o Teatro de Invasão em exercício” integra a linha “Poéticas cidadinas” do grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Poéticas Artísticas - NIPA. Tem como foco o estudo teórico-prático da noção de Teatro de Invasão, originalmente pensada pelo professor, artista e pesquisador das artes cênicas André Luiz Antunes Netto Carreira⁵.

¹ Popularmente conhecida como Bicentenário, onde aconteceram duas mortes no ano de 2018.

² Conduzidas pelos estudantes bolsistas Joelma Ferreira e Lucas Galdino.

³ Esta linha estabelece relações diretas com a pesquisa de doutorado desenvolvida pela professora Cecília Lauritzen, cuja tese intitula-se “A recepção acidental: vias de leitura do teatro performativo urbano” (2018).

⁴ O teatro dos sentidos é uma prática desenvolvida no Brasil desde 1997 pela diretora teatral Paula Wenke. Seu estudo em relação ao espaço urbano pode-se dizer de caráter ainda inovador, porque desafia normas padronizadas de acesso da cidade.

⁵ Seu trabalho está muito relacionado com a noção de risco físico e invasão da silhueta da cidade. Formado em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília, se doutorou em teatro pela Universidad de Buenos Aires. Atualmente é professor da Universidade do Estado de Santa

A ideia de pesquisar e investigar o teatro de rua a partir do Teatro de Invasão, não é de levar para este espaço um roteiro já idealizado antes de chegarmos nela, ou de apropriar-se da rua apenas como cenografia nos locais que visualmente nos afetam com o olhar. Sobretudo é entender que esses locais possuem uma história, antes de se tornar aquele lugar, ou até mesmo depois de ser aquele espaço que tem aqueles determinados elementos.

O teatro de invasão em nossa pesquisa acrescenta de forma ímpar a dramaturgia do espaço em questão, fazendo-nos perguntar: Como e quando este espaço se conformou como tal? Quem são seus habitantes, ou seja, as pessoas que passam por ele diariamente? Que histórias estas deixam? A morte faz parte da história contada sobre esta praça?

Em algumas buscas, entrevistas e derivas, tivemos a oportunidade de conversar com pessoas passantes, moradores, trabalhadores e ocupantes do entorno da praça, e partir dessas conversas nos concentramos nas seguintes perguntas: O que é permanente e passageiro na estrutura da cidade? Em termos históricos, geográficos, políticos, culturais por que alguns espaços são lembrados e outros esquecidos na cidade? Foi a partir dessas questões que começamos a compreender um pouco mais onde queríamos chegar, mas foi com as respostas destas pessoas, somadas ao que já tínhamos de registro pelos noticiários, que nossos corpos começaram a se afetar pelo espaço daquela praça, despertando a criação atual.

A partir da mudança estrutural apontada acima, resolvemos dividir o coletivo que faz/fazia parte do grupo de pesquisa em duplas, cada dupla deveria propor um módulo de um mês com exercícios que despertassem para a criação cênica, sempre tomando como fundamento o espaço de trabalho. Alguns jogos propostos no primeiro semestre do ano de 2018 serviram para iniciarmos breves improvisações: individuais e coletivas, além da utilização de bastões de madeira ou cabos de inchada que também faziam concomitante com os jogos.

A cada dia de pesquisa e investigação das cenas, percebíamos o quanto a dramaturgia do espaço nos modificava, enquanto automaticamente modificava

Catarina (UDESC) onde leciona no Programa de Pós-Graduação em Teatro (Mestrado/Doutorado) e coordena o Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES). É autor do livro "Teatro de Rua: uma paixão no asfalto" publicado pela Editora HUCITEC em 2007.

a cena também, como uma forma de acordo entre o espaço e o nosso corpo, em um diálogo constante entre o que nos foi contado com as reações que nos foram causadas por estes acontecimentos.

Na tentativa de responder às perguntas citadas anteriormente, junto com a investigação do espaço, os acontecimentos que vieram acontecer no período em que estivemos instalados na praça, e as entrevistas feitas com os passantes e ocupantes do entorno, chegamos ao ponto principal que estamos tratando na montagem intitulada *Duas vezes sem*⁶.

Nos aproximamos da ideia de morte, pois na cidade a mesma pode ser vista como um destes elementos que é, por vezes, passageiro (banal) ou permanente (marcando determinados espaços e seus usos). O trabalho intitulado "Duas vezes sem" tem se concentrado em estruturar uma criação que dê vida a este tema, alimentando-se de uma dramaturgia que é construída com dados/notícias/histórias sobre os espaços ocupados, fragmentos textuais elaborados ou capturados pelos integrantes e relatos biográficos de pessoas do entorno.

Durante a investigação, que continua em processo, estivemos exercitando ativamente o debate interno, ao passo em que documentávamos nossas sensações e reações causadas no corpo, a partir do espaço da praça e seu entorno, sendo estas reações divergentes ou não. É importante pontuar que o registro tem sido feito, desde 2017 quando o grupo começou a trabalhar, via diário de bordo, seja ele escrito manualmente ou de forma digital. Acreditamos que o registro processual seja importante para reflexões futuras acerca do trabalho desenvolvido.

A relação entre margem e centro é marcante no grupo, uma vez que o mesmo começou a trabalhar em 2017 em torno do projeto intitulado "Ocupações artísticas da cidade: *centornos e entralidades*". Nesse projeto buscamos problematizar as delimitações espaciais na cidade que centralizam e marginalizam lugares e pessoas. Como rastro desse processo, a montagem atual conta com seis curtas cenas que acontecem no entorno da Praça

⁶ O nome da encenação, bem como todo o processo, foi construído coletivamente e faz ligação direta com a praça onde estamos envolvidos no processo, a Praça Alexandre Arraes popularmente conhecida como "Praça Bicentenário", como também com a ideia de "Duas solidões = a de quem parte e a de quem fica".

Bicentenário, as chamamos de cenas derivas, uma vez que foram criadas a partir de exercícios de Deriva⁷.

O mais interessante para mim enquanto pesquisador do grupo, é perceber o quanto a dramaturgia vai se modificando no decorrer dos dias, seja com os acontecimentos, ou com a forma que vamos nos afetando com eles. Existem algumas pessoas que passam, mas as suas histórias ficam. Um desses acontecimentos foi o assassinato de um rapaz que aconteceu em um banco localizado na praça em questão, e que hoje este banco se tornou uma parte de nossa história também. Dialogamos na cena de forma indireta com este fato por questões éticas, na tentativa de chamar atenção para este tema da violência na cidade que por vezes é invisibilizado.

Reunimos todas essas criações, improvisações, textos, histórias, e criamos um pré-roteiro, para que em uma sequência pudéssemos ensaiar. O mesmo ficou fixo por algumas semanas, até percebermos que a dramaturgia da rua está nela o tempo todo, se renovando e dialogando conosco a todo momento, foi então que retomamos para novas investigações, e acabamos descobrindo locais internos (sensações e reações para com os espaços) e externos (como a utilização do parquinho, áreas laterais da praça, árvores, postes) locais estes que ainda não tínhamos chegado.

A partir dessas vivências reafirmo que o Teatro de Invasão dialoga diretamente com nossas práticas, considerando que sua ideia refere-se menos à ideia de subversão da lógica dos espaços da cidade, e mais a um nível de escuta e diálogo entre manifestação artística e vida urbana. Conforme Carreira:

[...] se a cidade é um texto dramático, uma encenação invasora será sempre lida como uma releitura da cidade. Ler a cidade como dramaturgia significa utilizar a lógica da rua percebendo que o fluxo de energia dos usuários é fundamental na formulação das possibilidades de significação das performances teatrais invasoras⁸.

A importância da utilização do Teatro de Invasão dentro deste processo foi e está sendo de imensa grandeza, pois conseguimos nos afetar diretamente com o espaço. Percebo o quanto a pesquisa e a investigação deste trabalho são

⁷ A Deriva é uma prática adotada do Movimento Situacionista que prevê a interação com os espaços urbanos de modo contrário ao pressuposto pelas normas e planos urbanísticos.

⁸ Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/40287815/Andre-Carreira-A-Cidade-Como-Dramaturgia> Acesso em 13 de out. 2018.

grandiosas, como é bom participar de todo o processo de criação e sentir no corpo reações reais do espaço que estamos criando.

REFERÊNCIAS

CARREIRA, André. **Teatro de rua (Brasil e Argentina nos anos 1980):** uma paixão no asfalto. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.